

Dólar dispara e BC intervém

■ Moeda chega a R\$ 2,08 e pressão exige venda de dólares. Desvalorização do real sobe para 39,8% desde a mudança no câmbio

PAULA PAVON
E UGO BRAGA

SÃO PAULO E BRASÍLIA — O dólar rompeu a barreira dos R\$ 2 ontem. Chegou a ser negociado a R\$ 2,08, e fechou a R\$ 2,0128 pela taxa média calculada pelo Banco Central, a Ptax. Foi a primeira vez que a média ultrapassou os R\$ 2 desde a liberação do câmbio, no dia 15 de janeiro. A pressão sobre o real obrigou o Banco Central a vender dólares no mercado para impedir uma maior desvalorização da moeda. Há 24 dias úteis o BC não intervinha.

A disparada do dólar fez com que as bolsas de valores, que abriram em alta, fechassem em queda e revertê a expectativa de redução dos juros futuros. A desvalorização do real subiu para 39,84%.

O presidente interino do BC, Demóstenes Madureira de Pinho Neto, negou-se a dar qualquer explicação sobre a intervenção, mas garantiu que não se trata da fixação de uma "banda suja", como os operadores de mercado chamam o teto implícito da taxa de câmbio. O BC recorreu a alguns de seus *dealers*, bancos que operam em seu nome. Esse tipo de procedimento não era usado desde março de 1995, data de implantação das bandas cambiais. O BC abasteceu os *dealers* com moeda estrangeira e ordenou a venda ao mercado.

Demóstenes Pinho Neto lembrou que o BC, desde o fim das bandas cambiais, avisara que faria intervenções esporádicas no mercado de câmbio, sempre que julgassem necessário.

Reservas — O montante de dólares queimados para segurar o câmbio só será conhecido hoje, quando o Banco Central divulgar a posição das reservas ao fechamento do mercado ontem. Como só alguns *dealers* foram usados, nem mesmo o mercado financeiro tinha qualquer estimativa sobre o número.

Até a abertura do mercado, as reservas líquidas — descontados os US\$ 9,3 bilhões do empréstimo-socorro do Fundo Monetário Internacional — somavam US\$ 26,4 bilhões, muito próximo do limite de US\$ 20 bilhões fixados no acordo com o Fundo. Mesmo assim, a intervenção do BC foi negociada e aprovada pela equipe de negociadores do FMI.

Abertura — O dólar, que abriu cotado a R\$ 1,98 e saltou, em menos de cinco minutos após a abertura dos mercados, para R\$ 2,06. O nervosismo tomou conta das mesas de operação dos bancos, que reviveram a tensão do dia 29 de janeiro, quando a cotação da moeda americana cruzou pela primeira vez a barreira dos R\$ 2.

O aumento da demanda por dólar

por parte de empresas que precisam pagar eurobônus com vencimentos nos próximos dias foi responsável pela disparada do dólar. A moeda está escassa no mercado, o que faz com que a cotação suba. Até o dia 12 de março, estarão vencendo US\$ 690 milhões em títulos no exterior, segundo a Associação Nacional dos Bancos de Investimento (Anbid).

O vencimento do dólar futuro, na Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F), marcado para a próxima sexta-feira também contribuiu para alavancar a cotação da moeda norte-americana. O volume negociado no futuro está baixo. As instituições tiveram dificuldade em rolar suas posições, vendendo contratos de março e comprando de abril.

A possibilidade de intervenção do BC fez com que os operadores considerassem altas as cotações para abril. A dificuldade de realizar operações de hedge (proteção) no mercado futuro fez com que as instituições atuassem no mercado disponível (pronto) pressionando as taxas. O contrato que vence em março subiu 1,98% em relação ao último fechamento, para R\$ 1,980. O contrato negociado para 1º de abril fechou em R\$ 2,008, com alta de 1,93%.

Sinal — Analistas de mercado avaliaram que a intervenção do BC mostra que o governo está disposto a segurar a cotação do dólar. "É um sinal de que o futuro presidente do BC, quando tomar posse, estará interferindo mais vezes no mercado", disse um analista. Se isso acontecer, prevê o analista, o BC terá que estar atento às reservas.

A morosidade no processo da sabatina de Armínio Fraga e a falta de sinalização do governo quanto à política de juros e câmbio só fazem aumentar a expectativa do mercado. A alta registrada ontem nos juros futuros foi influenciada também pelo anúncio de inflação, registrada pelo IGP-M. "Num mês de calmaria, estes fatores não causariam tanto impacto. Mas na situação atual, estes fatores, em conjunto, contribuem para o pessimismo do mercado", observou Carlos Guzzo, *risk manager* do ABN Amro Bank.

Juros — Os juros futuros no mercado interbancário de DI fecharam em alta em relação à véspera. A taxa de juros para março fechou em 38,88% ontem, contra 38,76%. Para abril, a taxa passou de 43,97% na segunda-feira para 44,78%. A taxa de juros no *overnight* se manteve a 39% ao ano.

A Bolsa de Valores de São Paulo fechou em baixa de 1,4%, com volume financeiro de R\$ 552 milhões. No Rio, a bolsa fechou em queda de 0,86%. O C-Bond, principal título da dívida externa brasileira, fechou em queda de 1,27%.

